



EDUCAÇÃO CIÊNCIA E SAÚDE
<http://dx.doi.org/10.20438/ecs.v10i2.566>

ARTIGO DE REVISÃO SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Samira de Lima e Silva¹, Vinicius Sousa Souto¹, Milena Patrícia Sousa Félix², Arthur Arruda de Figueirôa³, Denise Domingos da Silva⁴, João Batista da Silva⁵

¹ Curso de Licenciatura em Química, Unidade Acadêmica de Biologia e Química, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité-PB, Brasil.

² Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Unidade Acadêmica de Biologia e Química, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité-PB, Brasil.

³ Curso de Licenciatura em Física, Unidade Acadêmica de Física e Matemática, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité-PB, Brasil.

⁴ Prof^a Unidade Acadêmica de Biologia e Química, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, PB, Brasil.

⁵ Prof Unidade Acadêmica de Física e Matemática, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, PB, Brasil.

Email para correspondência: samira.lima@estudante.ufcg.edu.br

Resumo

A história das mulheres nas ciências sempre foi marcada por desigualdades e obstáculos que limitaram os seus acessos e reconhecimentos nos campos científicos ao longo dos séculos. Essa desigualdade era causada pelos obstáculos e dificuldades que elas precisavam enfrentar para sequer terem acesso à educação, visto elas não possuíam este direito, fazendo assim com que as práticas intelectuais fossem majoritariamente masculinas. Mesmo com tudo, houve mulheres que conseguiram ultrapassar todo o preconceito e alcançaram destaque em suas diferentes áreas, entretanto muitas foram apagadas e não receberam o devido crédito e reconhecimento por seus trabalhos. O presente artigo busca fazer uma revisão bibliográfica sobre a história das mulheres nas ciências e seus impactos atualmente. A coleta de dados se deu utilizando os sites *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *Revista de Educação do Vale do Arinos (RELVA)*, *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)* e *Google Acadêmico*. Destaca-se que esta pesquisa foi composta por nove artigos e três livros. É essencial que as histórias de mulheres sejam contadas e amplamente divulgadas, a fim de promover a conscientização sobre suas contribuições e fortalecer o incentivo para que mais mulheres sigam carreiras científicas.

Palavras-chave: história das ciências, história das mulheres, desafios

enfrentados pelas mulheres.

Abstract

The history of women in science has always been marked by inequalities and obstacles that have limited their access and recognition in scientific fields over the centuries. This inequality was caused by the obstacles and difficulties they needed to face to even have access to education, as they did not have this right, thus making intellectual practices predominantly male. Despite everything, there were women who managed to overcome all prejudice and achieved prominence in their different areas, however many were erased and did not receive due credit and recognition for their work. This article seeks to carry out a bibliographical review on the history of women in science and its impacts today. Data collection took place using the websites Scientific Electronic Library Online (SciELO), Revista de Educação do Vale do Arinos (RELVA), Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and Google Scholar. It is noteworthy that this research consisted of nine articles and three books. It is essential that women's stories are told and widely publicized in order to promote awareness of their contributions and strengthen the incentive for more women to pursue scientific careers.

Keywords: history of sciences; history of women; challenges faced by women.

1 Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo geral revisar os impactos que os desafios enfrentados pelas mulheres na história da ciência, a desigualdade de gênero entre homens e mulheres durante o longo da história da história das ciências tem sido marcada por desafios e obstáculos que vêm sendo enfrentados até os dias atuais.

Durante o decorrer dos séculos, as mulheres foram excluídas e apagadas dos estudos científicos e das profissões relacionadas, devido a normas sociais e culturais que limitavam a linha de pensamento da época, desta maneira sendo proibidas do acesso à educação fazendo com que não chegassem nem a ter oportunidades de carreiras. Após muitas lutas por igualdade de gênero nas últimas décadas, os trabalhos realizados pelas mulheres tem se tornado mais visível e valorizado as suas presenças nas ciências.

Portanto, as mulheres estão cada vez mais presentes em diversas áreas científicas, incluindo física, química, biologia, engenharia e matemática. No entanto, apesar dos avanços, ainda existem desafios a serem enfrentados. As mulheres continuam sub-representadas em algumas áreas,

especialmente aquelas relacionadas à tecnologia e engenharia. Além disso, a disparidade de gênero em posições de liderança e em financiamento de pesquisa ainda persiste. Esta pesquisa pretende trazer uma diversidade de perspectivas a partir da história das mulheres a fim de enriquecer a pesquisa científica, pois a presença das mulheres nas ciências é fundamental para impulsionar a inovação, diversidade e igualdade de gênero em nossa sociedade.

Por um longo período na história das mulheres, o acesso à educação lhes foi negado, desta forma gerando uma enorme barreira de todas as áreas de estudo mas em específico nas ciências exatas. Além disso, havia inúmeras questões culturais, ideológicas, sexistas, em que as mulheres precisavam enfrentar para conseguirem sequer estudar. Um exemplo disso é a baixa capacidade intelectual das mulheres que foi defendida por muito tempo por autores tradicionais como Aristóteles, Darwin, Rousseau, Schopenhauer, Vogt, Nietzsche, Freud entre tantos outros (MARTINS, 2004)

Exemplificamos com alguns clássicos: Platão em *Timeu* (41d-42d) ameaça os homens que se portaram mal nesta vida com o castigo de reencarnar num corpo de mulher; Aristóteles sustenta que a fêmea é um macho mutilado (*Geração dos Animais*, 737a 24-25); Espinosa recusa a participação das mulheres num governo democrático e constata a sua “imbecillitas” (*Tratado Político*, XI, §4); Kant considera difícil a passagem das mulheres à maioria intelectual (*Resposta à pergunta: que é o Iluminismo?*); Nietzsche afirma que até na cozinha a mulher é estúpida (*Para Além do Bem e do Mal*, § 23) (RODRIGUES, 2023)

Darwin escreveu: “O homem é mais poderoso em corpo e mente que a mulher, e no estado selvagem ele a mantém numa condição de servidão muito mais abjeta que o faz o macho de qualquer outro animal; portanto, não surpreende que ele tenha ganhado o poder de seleção.” “Para que a mulher atingisse o mesmo nível que o homem, ela deveria, quando quase adulta, ser treinada para a energia e perseverança, e ter sua razão e imaginação exercitadas ao máximo” - (*A Origem do Homem*, 1871).

A ideia funcional da natureza feminina foi bem desenvolvida por um dos pensadores misóginos mais citados por médicos e intelectuais da época: Schopenhauer. Em um breve, mas significativo texto, o autor sintetiza as

principais ideias e os preconceitos contra as mulheres na época, demonstrando sua total descrença quanto à possibilidade da evolução feminina. É muito difícil ler qualquer texto a respeito da mulher no final do século XIX que não tenha alguma citação ou referência às ideias de Schopenhauer, expressas em seu Ensaio sobre as Mulheres, publicado pela primeira vez em 1880 (MARTINS, 2004).

Mas os argumentos principais do autor a respeito da inferioridade feminina referem-se às diferenças intelectuais. Como bom evolucionista, Schopenhauer diz que os seres que se desenvolvem mais lenta e tardiamente são mais nobres e perfeitos. Trazendo este raciocínio para as diferenças sexuais, explica que pelo fato de as mulheres amadurecem sexualmente mais cedo – por volta dos 18 anos –, enquanto nos homens a razão e a inteligência só vão alcançar a plenitude aos 26 anos, elas permaneciam infantis durante toda a vida, sofrendo de uma miopia intelectual que as impedia de ter o pensamento racional e desenvolver o interesse pelas artes e pela ciência (MARTINS, 2004)

Além disso, durante o século XIX, as pesquisas do médico e anatomista Franz Joseph Gall (1758-1828) sobre o cérebro humano também serviu para firmar esta crença que as mulheres eram intelectualmente inferiores. O pai de Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre costumava cumprimentá-la de “mulher com cérebro de homem” (CHAPERON, 2004). Os frenologistas juntaram uma grande coleção de números relativos ao peso dos cérebros, suas formas e o tamanho dos lobos. Todos esses números iam ao sentido de uma inferioridade intelectual das mulheres, que as tornavam inaptas para o trabalho científico (SARTORI, 2006). (KOVALESKI, 2013)

Aristóteles fez a diferenciação entre o ser humano e os demais seres vivos, chegando à conclusão de que, a despeito de todo homem ser racional, a racionalidade se manifesta de modos diferentes em homens, mulheres, crianças e escravos. Segundo Aristóteles, em se tratando das mulheres, não se verifica autoridade em suas deliberações racionais, necessitando a mulher de orientação e direção por parte dos homens. Ainda de acordo com o pensamento do filósofo, a virtude maior da mulher seria “obedecer”, enquanto a do homem, dominar. Essa revisitação aos textos de Aristóteles, juntamente à mudança da política sexual para uma notadamente misógina, que coloca as

mulheres em posição de inferioridade em relação aos homens, foi batizada por Prudence Allen de “Revolução Aristotélica”. De acordo com Milagros Rivera Garetas:

“Do retrocesso e dessa perda de autoridade feminina se beneficiaram aqueles que sustentavam até então instituições dotadas de muito poder social: a Igreja católica, por exemplo, através de seu braço judicial, o tribunal da inquisição e através das universidades, dominadas então pelo clero. Beneficiou, também, as monarquias feudais europeias, que iniciaram então um caminho de incremento do seu poder político, caminho que as conduziria alguns séculos depois, ao absolutismo. A consolidação, em princípios do século XIV, das propostas da revolução aristotélica coincide com o começo da difusão, primeiro na Itália e depois no resto da Europa, do movimento cultural e político laico que se costuma chamar Humanismo: um movimento que, com o Renascimento que o seguiu, é considerado, pela historiografia científica, de progresso para a humanidade, porém para a historiografia feminista de progresso para os homens e de retrocesso para as mulheres” (GOMES, 2017).

Pois ao reconhecer e valorizar seus trabalhos, estamos promovendo a representatividade e a inclusão de gênero na ciência. Isso é crucial para que as futuras gerações de cientistas, independentemente do gênero, se sintam encorajadas e inspiradas a seguir carreiras científicas. A valorização das conquistas das mulheres cientistas ajuda a combater os estereótipos de gênero que associam erroneamente a ciência a homens. Ao mostrar exemplos reais que ocorreram na história das mulheres na ciência, podemos desafiar percepções errôneas e promover uma imagem mais ampla e diversificada do que significa ser um cientista. Ao garantir a igualdade de oportunidades para todos no campo da ciência, estamos permitindo que talentos e habilidades sejam aproveitados ao máximo, independentemente do gênero. A igualdade de oportunidades é um princípio fundamental da justiça social.

Diante o exposto, objetiva-se fazer uma revisão bibliográfica sobre a história das mulheres nas ciências e seus impactos.

2 Metodologia

A presente pesquisa de revisão bibliográfica realizada por meio de uma pesquisa empírica a banco de dados sobre a história das mulheres na ciência ao longo do tempo. O levantamento dos dados foi feito por meio de *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, *Revista de Educação do Vale do Arinos (RELVA)*, *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)* e *Google Acadêmico*, nos períodos referentes a 07/10/2023 até 22/10/2023.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão nesta pesquisa: textos disponíveis em português e inglês. Por outro lado, foram estabelecidos critérios de exclusão para artigos que não são gratuitos e que não se adequam aos objetivos da pesquisa. Esses critérios foram utilizados para garantir a seleção de materiais relevantes e acessíveis que atendam aos requisitos desta pesquisa.

Foram selecionados os seguintes descritores para a pesquisa: "Mulheres cientistas", "história das mulheres", "educação das mulheres" e outras palavras-chave relacionadas ao tema. Essa escolha de descritores foi feita buscando obter uma visão abrangente e aprofundada sobre o papel das mulheres nas ciências ao longo da história, bem como sua educação e contribuições para o campo científico.

Os dados foram coletados e uma análise descritiva foi conduzida nos documentos selecionados, sendo revisados no total: 09 artigos e 03 livros. Essa análise teve como objetivo examinar e descrever as informações contidas nos documentos, trazendo pontos relevantes relacionados à história das mulheres nas ciências. Ao realizar a análise descritiva, foi possível obter uma compreensão mais aprofundada sobre o papel das mulheres cientistas, suas contribuições e os desafios enfrentados ao longo do tempo.

3 Desenvolvimento

Boa parte dessa ignorância se perpetua até os dias atuais, mesmo que ao longo do tempo as mulheres tenham conseguido aos poucos ocupar lugares de destaque em suas áreas ao fazer a comparação ao número de homens na grande maioria das áreas, ainda sim, é desproporcional, isto se dá pela desigualdade histórica que as mulheres carregam. Lembrando que a

pergunta crucial não é saber por que tão poucas mulheres foram grandes cientistas, mas porque se conhece tão poucas mulheres cientistas. Não faltam mulheres cientistas na História, mas foram esquecidas. Ou talvez, como argumenta Sartori (2006), as mulheres dominaram saberes e práticas que não foram consideradas científicas (KOVALESKI, 2013).

A caça às bruxas consiste em uma perseguição religiosa que levou à morte milhares de pessoas, em sua maioria, mulheres. A feitiçaria e magia nem sempre foram associadas ao mal, assim como o uso da natureza na solução de problemas de saúde e o conhecimento sobre a sexualidade e o parto - saberes associados às mulheres – não foram sempre vistos com desconfiança. Entender de que maneira as mulheres passaram a ser perseguidas como bruxas é um passo importante na compreensão da importância da história das mulheres e a criação do binômio mulher-bruxa, sua efetiva perseguição e sua consequente restrição ao ambiente doméstico e afastamento dos estudos ajuda a demonstrar como a reprodução de valores patriarcais por elas internalizados século após século permanece acontecendo (GOMES, 2017).

As condições históricas que colaboraram para a demonização da figura da mulher, culminando na elaboração de um livro que funcionava como guia para a perseguição das bruxas, o *Malleus Maleficarum*, conhecido como a bíblia dos inquisidores, deram-se de modo a construir a imagem da bruxa como uma figura a ser eliminada, buscando minar os amplos conhecimentos das mulheres como se fossem obras demoníacas ou meios de causar mal à sociedade. A Igreja foi uma das grandes responsáveis pela construção da figura da bruxa, tendo o apoio do Estado e da sociedade, especialmente a comunidade médica majoritariamente masculina, a qual encontrou nas bruxas uma “cômoda desculpa para seus cotidianos fracassos: tudo o que não podiam curar era, logicamente, um feitiço”. A atribuição do caráter herético às mulheres da época as levou a serem as principais vítimas das fogueiras da Inquisição na chamada caça às bruxas. Assim, a perseguição às mulheres estava legitimada tanto pela justiça eclesiástica quanto pela laica, de maneira que, tendo sido criada a relação direta entre a mulher e a bruxaria, e a associação do sexo feminino aos saberes considerados “ocultos”, criou-se um cenário que tornou possível o julgamento e assassinato

de um número exorbitante de mulheres nas fogueiras inquisitórias (GOMES, 2017).

Na história da ciência, essa exclusão aconteceu com similaridade, que pode ser facilmente percebida e analisada pelo difícil acesso das mulheres à educação na época medieval e escassa projeção de mulheres cientistas até o século XX. Foi nesse século, quando, finalmente, ocorre a revolução feminista, provocando não apenas o acesso das mulheres à cidadania, mas a acentuação e estimulação do fenômeno de feminização da cultura e de inserção da mulher na ciência (RAGO, 2004).

Contudo, apesar da participação reprimida das mulheres no campo acadêmico e na ciência, principalmente as exatas, a química apresenta uma presença bastante significativa de mulheres que contribuíram desenvolvendo pesquisas ou participando de forma ativa na divulgação do conhecimento científico, auxiliando no seu desenvolvimento (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Para tanto, a principal ponte de acesso das mulheres à ciência era o contato com plantas e ervas. Na idade média, as mulheres frequentemente cultivavam hortas, onde plantavam ervas medicinais. Seus conhecimentos dos efeitos e propriedades das ervas eram usados para a fabricação de chás e remédios naturais e eram transmitidos de geração para geração (FEDERICI, 2004; LACERDA, 2022).

A primeira mulher reconhecida que se tem registros foi a babilônica Tapputi Belatekallim, nascida em 1200 a.C e que trabalhou na produção de perfumes e fármacos (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016). Outra mulher que teve bastante representatividade na história da química foi a Maria Judia, inventora do Banho-Maria, técnica utilizada até hoje nos laboratórios e na cozinha. Maria Judia também teria descoberto o ácido clorídrico e desenvolvido dois aparelhos usados para a destilação, nomeados Dibikos e Tribikos, e um aparelho de sublimação (NUNES et al. 2008).

Com o grande incentivo da leitura e publicação de livro na Europa, abriu-se o espaço para algumas mulheres publicarem suas obras, como é o caso de Isabella Cortese, que publicou uma coletânea constituída por quatro livros, sendo os três primeiros sobre procedimentos químicos e alquímicos utilizados para a produção de medicamento, tintas, corante e produtos

diversos, enquanto a última continha saberes para a produção de cosméticos como sabões e águas perfumadas (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Já Margaret de Cavendish, duquesa de Newcastle, também foi outra autora de grande renome para a história das mulheres na ciência. Ela publicou cerca de quatorze livros dos mais variados temas, inclusive método científico e foi à primeira mulher a receber o convite raríssimo e comparecer a uma reunião da Royal Society (CUNNING, 2017).

Na França, duas mulheres autoras de suma importância foram a Madame Fouquet, que publicou um livro de receitas químicas em 1681 chamado *Les Rémedes Charitables de Madame Fouquet*, e a Marie Meurdrac, que publicou o livro contendo instruções de preparações de cosméticos e medicamentos chamado *La Chymie Charitable et facile en faveur des dames*, em 1666 (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Ainda na França, no século XVIII, destacou-se Marie Anne Paulze Lavoisier, casada com Antoine Lavoisier, grande precursor da química moderna. Marie Anne traduzia vários textos para seu marido e acompanhava-o em encontros com estudiosos, além de estudar e preparar ilustrações, publicadas com sua assinatura, de experimentos e aparatos utilizados por Lavoisier (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016; LACERDA, 2022).

Na Inglaterra, no início do século XIX, foi à vez de Jane Marcet, casada com um médico e professor de química no *Guy's Hospital of Medical School*, publicar sua obra *Conversations on Chemistry*, que tinha como objetivo transmitir conhecimentos básicos de química como base para os frequentadores dos cursos oferecidos pela *Royal Institution of Great Britain* (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016). Desta forma, as mulheres foram se impondo na história da ciência com pequenos feitos, dando espaço para grandes cientistas que futuramente surgiram, como a ilustre Marie Curie (1867-1934), que descobriu e isolou os elementos químicos, polônio e o rádio e foi à primeira mulher do mundo a ganhar um prêmio Nobel (LACERDA, 2022).

4 Considerações finais

O objetivo principal desta pesquisa é realizar uma revisão bibliográfica sobre a história das mulheres nas ciências, destacando as desigualdades e obstáculos enfrentados ao longo dos séculos. A pesquisa busca analisar o papel das mulheres cientistas, suas contribuições e os impactos atuais dessas histórias. Este estudo pretende mostrar a falta de acesso à educação e a dominação de práticas intelectuais pelos homens como principais fatores que limitaram o reconhecimento e o acesso das mulheres aos campos científicos. Além disso, a pesquisa procura validar e dar visibilidade às mulheres, enquanto também destaca a necessidade de reconhecimento para aquelas que foram apagadas e não receberam os seus devido créditos por seus trabalhos. O objetivo final é promover a conscientização sobre as contribuições das mulheres nas ciências e incentivar mais mulheres a seguirem carreiras científicas.

No panorama abordado neste artigo, fica evidente que as mulheres têm desempenhado um papel crucial e impactante no mundo da ciência, apesar dos desafios enfrentados, como o apagamento, o machismo e o sexismo que permearam boa parte da sociedade ao longo da história. Mesmo diante dessas dificuldades, as mulheres cientistas conseguiram se destacar e suas contribuições têm sido inestimáveis em diversas disciplinas científicas, como física, química, biologia e astronomia, entre outras. É importante ressaltar que, ao longo do tempo, houve pensadores que incentivaram essas mulheres, reconhecendo a importância de suas habilidades e conhecimentos. Suas conquistas são um testemunho do talento e da determinação das mulheres na ciência, que merecem ser amplamente reconhecidas e valorizadas.

Ao longo dos séculos, as mulheres têm enfrentado o patriarcado e o preconceito, resultando em experiências de discriminação e apagamento histórico. Essas barreiras foram impostas devido ao simples fato de serem mulheres. Um período em que esse apagamento e discriminação foram particularmente evidentes é durante a inquisição das bruxas. Durante esse tempo sombrio, os conhecimentos e contribuições das mulheres foram sistematicamente marginalizados e oprimidos. É importante reconhecer e destacar esse período como um exemplo marcante de como as mulheres

foram alvo de opressão e preconceito ao longo da história.

Ao observar a trajetória das mulheres na história das ciências, fica evidente que elas enfrentaram enormes obstáculos para estudar e dedicar-se às áreas das ciências exatas, devido à predominância masculina e à falta de espaço social. No entanto, mesmo diante desses desafios, algumas mulheres não se deram por vencidas. Algumas conseguiram superar essas barreiras, obtendo acesso à educação e realizando feitos notáveis em diversos campos de estudo, que vão além das ciências exatas. Suas contribuições abrangem uma variedade de disciplinas, mostrando que o talento e a capacidade das mulheres não se limitam a uma área específica. É importante reconhecer e valorizar essas mulheres pioneiras, que abriram caminho para outras seguirem seus passos e quebrarem os estereótipos de gênero nas ciências.

A história das mulheres na ciência evidencia uma série de batalhas que vão além do campo dos estudos. Apesar desses desafios, as mulheres conseguiram ocupar lugares de destaque tanto na ciência quanto na sociedade. No entanto, pesquisas revelam que, embora as mulheres sejam maioria em termos de títulos acadêmicos, os homens ainda predominam em cargos de liderança. Essa disparidade é observada em todas as áreas da educação e da sociedade. Por exemplo, no ensino superior, a representação das mulheres em posições acadêmicas de alto nível, como professores titulares e reitores, ainda é desigual em muitas partes do mundo. Essa desigualdade de gênero persistente é uma questão que precisa ser abordada e superada para garantir a igualdade de oportunidades e reconhecimento para as mulheres na ciência e em todas as esferas da sociedade.

É fundamental que as histórias dessas mulheres sejam compartilhadas e divulgadas amplamente, com o intuito de aumentar a conscientização sobre suas valiosas contribuições e incentivar mais mulheres a seguirem carreiras científicas. Ao conhecer as histórias e os feitos dessas mulheres pioneiras, a fim de romper estereótipos de gênero e criar um ambiente inclusivo e equitativo na ciência. Ao reconhecer e celebrar suas realizações, estamos construindo um futuro no qual todas as pessoas tenham igualdade de oportunidades e reconhecimento em suas trajetórias científicas.

5 Referências

BELLO, J. L. P. **EDUCAÇÃO DA MULHER: A Perpetuação da Injustiça**. v. 1 n. 1 (2018). Nº Especial Gênero, Sexualidade, Democracia e Educação: 40 anos PPGE - UFES, (dez, 2018).

BOLZANI, V. **MULHERES NA CIÊNCIA: Por Que Ainda Somos Tão Poucas?**. Cienc. Cult. vol.69 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2017.

BROCHADO, C. C. **EVANGELHOS EM FEMININO: Interpretações De Uma Escritora Medieval Ibérica**.

CUNNING, D.; **“MARGARET LUUCAS CAVENDISH”**; Stanford Encyclopedia of Philosophy. Disponível em <<https://plato.stanford.edu/entries/margaret-cavendish/>>. Acesso em 27 de outubro de 2023.

DARWIN, C. **A Origem Do Homem E A Secção Sexual**. 1871. Relógio D' água EAN: 9789896410667.

FEDERICI, S.; **O calibã e as Bruxas: mulheres, corpo e acumulação primitiva**, 2004.

FOUCAULT, M. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I: A Vontade De Saber**. 13ª Edição. Editions Gallimard.

GOMES, B. L. C. **MALLEUS MALEFICARUM: A Imagem Da Mulher No Manual Da Caça Às Bruxas**. UNB, 2017.

KOVALESKI, N. V. J. **AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS: A participação feminina no Progresso Científico e Tecnológico**. Ponta Grossa, 13, nº Especial: 9-26, 2013.

LACERDA, A. F. **A PRESENÇA FEMININA NA HISTÓRIA DA CIÊNCIA: A Construção E Demonização Das Bruxas Na Europa Medieval**. 2017. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química Industrial) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

MARTINS, A. P. V. **Gênero, ciência e cultura**. In: **VISÕES DO FEMININO: A Medicina Da Mulher Nos Séculos XIX e XX [online]**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, Pág. 21-61. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4.

NUNES, A. O.; SANTOS, A. G. D.; SOUZA, F. C. S.; OLIVEIRA, V. R. C.; **A HISTÓRIA DE SETE MULHERES NA QUÍMICA**, 2008.

RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. **La Diferencia Sexual En La Historia**. Valencia: PUV, 2005.

RIVERA GARETAS, Maria Milagros. La Política Sexual. In: **Las Relaciones En La Historia De La Europa Medieval**. Valencia, Tirant lo Blanch, 2006.

RODRIGUES, D. **Qual O Lugar Da Mulher Na História Da 04 Filosofia E Na Filosofia Do Ensino Básico?** Mestranda em Educação – PROF-FILO . Bacharel e licenciada em Filosofia - UFCA.. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9951-4081>.

ROHDEN, F. **ENSAIO BIBLIOGRÁFICO: O Corpo Fazendo A Diferença.** MANA 4(2):127-141, 1998.

SILVA, F. F. **TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CIÊNCIA: “Ser Cientista” E “Ser Mulher”.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

TRINDADE, L. S. P.; BELTRAN, M. H. R.; TONETTO, S. R.; **PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS FEMININAS: história de mulheres nas ciências da matéria**, 2016.